

“Acordes ao lado esquerdo”

(Recensão sobre *dias desiguais*)

i. Acorde à obra:

Nos ramos poéticos que alinharam na poesia de *Contra o Esquecimento das Mãos* de João Ricardo Lopes amadureceram, como as maçãs, os versos que acolhemos (ou nos acolhem) em **dias desiguais**.

Neste novo encontro com o poeta, os versos descobrem a sinceridade do Verbo que faz desta obra uma morada das palavras como um corpo de metalinguagem do próprio leitor-poético. Devemos, por isso, partir para o saber destes dias, tendo em conta a valorização das coisas simples que se impõem pelos versos e que tocam uma dimensão inominável de beleza, pois são as coisas simples que conseguem remeter para os pensamentos mais complexos que possamos conhecer. Deste modo, o que parece ser de fácil assimilação, na verdade obriga-nos a um esforço mental extremamente delicado, até porque é difícil determinar o percurso de cada poema, uma vez que não é apenas uma sucessão de tentativas malogradas para atingir algo que lhe escapa permanentemente. Na verdade, os poemas não vêm carregados de conhecimentos, mas antes de significações apelativas da fuga, da interrogação, da desfiguração. O poema não é uma transmissão de conhecimentos e saberes, mas antes um instante de significância, conseguido através de um jogo de palavras que obtém o corpo e a carne necessária para ser, ele próprio instável como um Ser existente na sua condição de “metastabilidade”.

Faço uma leitura de *Dias Desiguais* sobretudo como uma escrita de experiências no foro da língua, uma vez que todos os poetas são experimentadores capazes de fugirem à literatura ilisível (de fácil leitura), e, na verdade, ao ler esta obra verifiquei que objectivo desta poesia é sobretudo um trabalho de língua, um trabalho de transgressão, imposto por um novo ritmo, uma maneira de dizer ou de provocar o real, através da metastabilidade dos dias que são-no desiguais.

O poeta apela justamente para a capacidade de olhar **para muito perto das coisas** (pg. 6), fazendo-nos reflectir no que há de mais elementar, ao captar as impressões do quotidiano com pormenor. E, como nos dias sobeja a desigualdade, embora não sendo metafísica, esta poesia de contornos inconstantes desemboca, de forma muito íntima, num espaço branco, que é o espaço do

despojamento e da simplicidade. Desta forma, os versos realizam a metáfora dos dias, na qual todos os contrários se reúnem no surgir de cada imagem.

ii. Acorde à poesia:

Em *dias desiguais* somos interpelados pela brevidade e sinceridade dos versos, na emotiva e sempre renovada forma de abordar ou olhar o dia-a-dia, ou, diria mesmo, o poema-a-poema, num alude expressivo que nos impele e comove à leitura. Deste modo, é através desse olhar que imprime a não existência de repouso absoluto, que significa que o poeta não atribui aos dias uma posição plena e perfeita, demonstrando uma ânsia pelo entendimento da ordem subjacente no mundo. Porque sendo o poeta **quem pergunta**, sabe que não é dele o mundo, mas cabe a ele localizar-se a si e aos outros pelo seu pensamento.

O aumento de desordem ou entropia do tempo implica o passado, presente e futuro. Deste modo, o ser humano reage ao tempo de acordo com a forma como sente que ele decorre, tendo em conta o passado e o futuro. Neste sentido, o Sujeito sente-se desfasado, porque ora o tempo avança rapidamente, ou pelo contrário, tem dificuldade em se ser acompanhado. Por isso o tempo no interior de cada ser decorre de forma extremamente inconstante. À medida que passa, o sistema evoluirá de acordo com as leis da física. Nesse sentido, a desordem tenderá a aumentar com o tempo. O aumento de desordem ou entropia temporal é um exemplo daquilo a que se chama uma seta do tempo, no entanto, a direcção em que sentimos que o tempo passa tem a ver com o estado psicológico do poeta aquando a criação dos seus versos. É importante entender este aspecto na poesia de João Ricardo Lopes, tendo em conta que é um dos seus universos mais complexos. Poder-se-á dizer que é, de facto, a sua postura relativa ao tempo que vai condicionar os seus dias e, por consequência à desigualdade dos mesmos.

Mas para não me alongar na fugacidade do tempo, retomemos o espaço do verso. Aqui, os dias são-no desiguais e as sombras, a luz e o tempo coexistem interpolando-se e interpolando-nos numa viagem onde a realidade e o quotidiano sofrem a cesura de um silêncio apelativo para que se dê **a impensada floresta do poema/ o que perfura é a escopeta dos silêncios/ pedra e cinzel**. Os versos têm estados de alma e uma personalidade que os caracteriza, manifestam-se de acordo com o **lado esquerdo** – primeiro poema do livro – que marcará, a meu ver, cada um dos diferentes dias. Um lado perturbado e invisível que procura o espaço interior em que o poema é o encontro com o indeterminável. Assim, o acto de escrita recomeça sob o **arco de sol**, ou seja, acentua a claridade do dia onde se adivinha a possibilidade de caber tanta coisa. Devemos ter em conta que, poderemos

adoptar uma leitura cândida, e verificar que o **lado esquerdo** não é apenas onde mora o coração, é também o lado que alberga a memória, a percepção e grande parte dos sentimentos. Assim, será o lado que orientará todo o percurso conceptual e formal do livro.

Na **impensada floresta do poema** (pg. 5) vão aparecendo os belíssimos versos, onde se despedaça a desigualdade e a insistência de algumas palavras que tomam lugar numa lacónica arte vocabular, onde coexiste uma intencional musicalidade que perpassa em cada poema e que carrega todo o peso da memória, pela paradoxal desigualdade dos dias. Deste modo, há uma dimensão acústica da sua poesia, uma musicalidade intensa e é com estas notas que o poeta como que sugere que o poema seja musicado, uma vez que tem completa noção da materialidade e do som das palavras. Pelos versos, desfilam anáforas e palavras que pedem para ser repetidas – **basta-me que sorrias/ basta-me saber daqueles que amam (...)/ basta-me** (pg. 28) – que juntas nos ajudam a formar uma imagem com uma precisão maior de sentidos, definindo melhor o contorno do dia, bem como o ritmo que ele impõe. A harmonia da palavra é estabelecida com a combinação e acorde dos versos.

O carácter da melodia, sugerido pela repetição, apela à persistência da memória do leitor, o mais das vezes, até é o movimento poético dos versos que sugere as imagens. Nessa concepção ornamental, a sua poesia adquire um espaço desprovido de totalização. O verso não se constrói num repetição que tem por base o falar mais do mesmo, mas antes um refazer do próprio sentido.

Na verdade, quem já leu versos de João Ricardo Lopes sabe do dom que prolonga e retoma as suas palavras que nos acompanham pelos lugares mais assimétricos e obscuros (mesmo na aparente contradição expressiva e poética).

Diante da página branca, o poeta é um ser despojado que ignora o que vai fazer, porque nenhuma técnica, nenhum sentimento, nenhuma ética pode determinar a eclosão do poema que é uma espécie de relâmpago entre dois pólos – a linguagem e o silêncio ou a consciência e o desconhecido – sem que, no entanto, a palavra atinja a plenitude total, uma vez que ela é apenas o pressentimento de uma palavra absoluta **entre o tudo e o nada** (pg.8).

Ao olhar para o livro, podemos dizer que o seu primeiro poema é o título, porque ele é o espelho que reflecte o interior do poeta.

É uma poesia de palavras incertas, porque incertos também são os dias, assim, a realidade diversa e dual é denunciada pela preposição **entre**. Existem sempre dois lados possíveis e o estado de espírito do poeta assenta no acorde da instabilidade que determina a desigualdade de cada dia.

Nestes versos facilmente encontramos uma constante transposição aparente do quotidiano, contudo essa transposição é uma afirmação de liberdade contra todos os entraves que impedem a adesão ontológica do ser a si mesmo. As próprias situações quotidianas atingem uma dimensão

cósmica que nos é dada através de uma visão pictórica extremamente sugestiva **a colher, a quentura do olfacto/ o estampido da loiça, a vertigem do papel.**

Terminamos com a convicção de que o poema é um corpo, cujo acesso é difícil e doloroso, pois **apenas a poesia nos diz quem somos** (pg. 9), neste sentido, o que o poema procura é o espaço em branco em que o verso de súbito emerge, podendo ter o corpo de poema, ou antes o corpo esquivo de uma só palavra a constituir todo um verso. Na repetição da palavra, o minimalismo formal veicula a pontualidade do instante e do mesmo passo, a orla do vazío que cerca cada vocábulo do poema. Esta vacuidade é uma afirmação da plenitude de um instante de equilíbrio entre o ser e o nada.

Hoje, nesta sala, baptizamos o corpo de escrita **dias desiguais**, mas entre o estar-se a falar ou o estar-se a ler há todo um universo que distancia a experiência de estar com estes versos. Podíamos aqui falar toda a noite da obra, sem nunca esgotar um universo de possíveis leituras. Mas cabe a cada um de nós a experiência da sua leitura, a sua experiência de estar na palavra de forma dispar de forma desigual, consoante o momento, consoante os dias que são-no sempre desiguais.

Catarina Nunes e Vaz (2005)